

# Custeio à borracha sai com atraso

MANOEL LIMA  
Correspondente

Manaus — O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Banco do Brasil assinaram convênio para o financiamento da produção e custeio da atual safra de borracha na Amazônia, no valor de NCz\$ 10,20 milhões, que já estão sendo repassados aos produtores e usineiros. A liberação dos recursos para o custeio da safra de borracha na Amazônia está ocorrendo com muito atraso, o que deverá prejudicar sensivelmente a produção deste ano, já que esses recursos são normalmente liberados entre abril e maio, quando as águas dos rios da região começam a baixar e os seringueiros iniciam a coleta nos seringais.

O presidente do Sindicato da Indústria de Extração e Beneficiamento de Borracha no Amazonas, Orlando Cidade, criticou a forma como o Ibama e o Banco do Brasil estão liberando os recursos para a formação da atual safra de borracha. Cidade disse que os NCz\$ 10 milhões são insuficientes para a formação da safra e que os preços da borracha estão aquém das necessidades dos produtores.

"A Amazônia, principalmente o Acre, já perdeu a hegemonia na pro-

dução da borracha, porque o Governo Federal, com o advento da Nova República, simplesmente deixou de incentivar a produção nos seringais nativos, preferindo estimular os seringais de cultivo na Bahia e no Mato Grosso", acusa Orlando Cidade.

Para ele, o baixo preço do quilo da borracha, hoje em torno de NCz\$ 2,40 não estimula o seringueiro a produzir. "Isso desestimula o seringueiro e o seringalista. O Governo tem culpa quando o País precisa importar 80 por cento de borracha para as suas necessidades", afirma o seringalista Orlando Cidade.

O Acre, por exemplo, perdeu grandes áreas de seringais nativos, porque grupos empresariais do Sul chegaram ao estado e compraram grandes glebas para a formação de pastos para a pecuária, derrubando seringais com árvores centenárias. Rondônia já não tem quase seringais nativos, e a sua produção de borracha vem toda da Bolívia. A produção do Amazonas em 1988 foi de 2.500 toneladas de borracha, quando em 1984, com os incentivos do governo da Velha República, essa produção chegou a sete mil toneladas. Segundo estimativas do Sindicato dos Seringalistas, o Brasil deverá produzir algo em torno de 28 mil toneladas este ano, quando as necessidades das indústrias nacionais são de 135 mil toneladas.

## Seringueiro vive sob total miséria

Manaus — O seringueiro da Amazônia vive certamente hoje a pior fase de sua história de miséria, de pobreza absoluta, vítima eterna da ganância e da prepotência dos antigos "coronéis de baranco", como eram chamados os donos dos seringais nos altos rios. Os tempos áureos da borracha, vividos por Manaus e Belém, quando a região era a maior produtora do "ouro verde" e detinha a primazia de possuir a maior renda per capita do País, no final do século passado e início deste, foram criados e mantidos pelos "soldados de borracha", os seringueiros recrutados no Nordeste, assolados pela grande seca de 1880, e pouco ou nada esses trabalhadores anônimos da floresta receberam em troca.

Pobres, famintos e maltrapalhados, hoje eles empanam a beleza natural das margens dos rios Purus, Juruá, Madeira e Javari — regiões de rios de água branca, de terras de várzeas, onde proliferam os seringais nativos —, contemplando o horizonte de uma esperança que eles nunca ou jamais ve-

rão materializada.

O abandono dos seringais nativos na Amazônia é fato visível e consumado hoje, principalmente no Acre e no Amazonas. O descaso e a indiferença a essa economia extrativista, levaram à bancarrota os grandes seringalistas e, por extensão, conduziram cerca de 150 mil famílias de seringueiros à mais dura realidade da miséria e da fome. Há quem defenda o fim do extrativismo da borracha, da castanha e da coleta de produtos que a floresta oferece, como dádiva da natureza, alegando que a atividade extrativista acabou e que é preciso colocar em prática na Amazônia um novo ciclo econômico, com uma mudança radical dos valores sociais e econômicos.

Para o presidente do Sindicato da Indústria de Extração de Borracha no Amazonas, Orlando Cidade, não existe nenhuma outra atividade econômica primária na Amazônia que preserve mais a floresta, o meio ambiente, do que a extração da borracha nativa. "É uma atividade genuinamente ecológica", in-

siste Orlando Cidade.

Na verdade, a continuarem as dificuldades de financiamento para a produção e os baixos preços do quilo da borracha, a vida do seringueiro continuará também ditada pela miséria. Os custos das mercadorias indispensáveis ao complemento de sua sobrevivência na floresta, como o café, o açúcar, o fósforo e o querosene, são altos nos seringais e não compensam o esforço que o seringueiro faz durante seis a sete meses no ano para colher o látex da seringueira e transformá-lo nas pelotas de borracha. O quilo do café moído no seringal está em torno de NCz\$ 60, o leite em pó a NCz\$ 12, contra NCz\$ 2,40 o quilo da borracha pagos pelas indústrias.

O sistema de troca entre o seringueiro e o regatão — comerciante ambulante que percorre os rios em pequenos barcos com mercadorias diversas, e às vezes entre seringueiro e patrões, já não existe. Os preços das mercadorias aumentaram tanto que para sobreviver no seringal, o "soldado da borracha" terá que trabalhar o ano inteiro.